

APRESENTAÇÃO

DESLOCAMENTOS, MIGRAÇÕES, DESPAISAMENTO

Este número da revista *Metamorfofes* buscou, nas literaturas e culturas dos países de língua portuguesa, reflexões em torno da noção de estranhamento (espacial, social, psíquico) num contexto que inclui lugares discursivos como os de colonizador/colonizado, retornado, assim como os de emigrante/imigrante, em situação de guerra, pós-guerra, repressão e tortura. Tendo em vista a manutenção das colonialidades até a contemporaneidade, a dinâmica da viagem, por exemplo, adquiriu e ainda adquire perspectivas peculiares que são revisitadas através de ensaios, romances e filmes. Nessas produções, os espaços ficcionais (e não só) são imagens a partir das quais podem-se discutir as representações da cidade e do campo, do cais de partida, dos retornados e da terra estrangeira, segundo a direção do olhar que sobre esses espaços se detém.

Buscamos, então, reflexões em torno da noção de exílio, dentro ou fora da própria terra, que poderiam ser evocadas a partir de autores como Julia Kristeva (*Estrangeiros para nós mesmos*), Cláudio Guillén (*O sol dos desterrados*), Barbara Cassin (*La nostalgie*), Georges Didi-Huberman (*Passer, quoi qu'il en coûte*), Mario Benedetti (*El desexilio y otras conjeturasentre*) e qualquer outro que pudesse de alguma forma contribuir para a construção desse número temático. Nosso objetivo, como vocês verão nos artigos a seguir, nos mostra que a solidão, a saudade e o expatriamento ultrapassam a noção política de espaço geográfico, podendo ser experimentados como o sentimento de uma exclusão social que degrada em dimensões diversas.

Em se tratando do contexto lusófono, é incontornável, em diversos ângulos, o tema do colonialismo e, em consequência, a forma como essa marca profunda evoca a resistência, a sobrevivência, a memória, a perda, o luto e o trauma. Na

acepção de Aníbal Quijano, compreendemos que a colonialidade permanece em sociedades colonizadas mesmo após o fim do colonialismo, isto é, o sistema de controle e exploração cognitivo-cultural sobrevive à independência política de nações vítimas do imperialismo. Assim, como sugere Walter Mignolo, a colonialidade é o lado obscuro da modernidade, de modo que nosso número pretende também jogar luz sobre múltiplas formas de deslocamentos em paisagem estraçalhadas (literal ou simbolicamente) pela empreitada colonial portuguesa.

O primeiro ensaio, de autoria de Mônica Genelhu Fagundes, estabelece uma leitura do romance *A visão das plantas*, de Djaimilia Pereira de Almeida em diálogo com um texto de Eduardo Lourenço intitulado *A nau de Ícaro*. A proposta de leitura gira em torno da representação da vida da protagonista enquanto metonímia da nação portuguesa em dois tempos, entrecruzando passado e presente através do deslocamento vivido por essa personagem. O testemunho é matéria narrativa mobilizada pela autora do artigo para que se possa elaborar um trabalho de representação e reparação de uma memória que ainda persiste como ferida no corpo da nação. O exílio então é o processo pelo qual Mônica Fagundes percebe o mecanismo de representação do encontro da protagonista com essa memória, ainda uma ferida particular e coletiva. Curiosamente, o artigo também explora uma espécie de deslocamento e migração de sentidos e imagens – *errância* camoniana instaurada no próprio princípio de leitura e escrita.

A forma como pensamos o exílio enquanto marca de uma experiência singular, que também se quer coletiva, permeia o artigo de Adriano Guedes Carneiro. Nele, temos uma leitura comparada das obras de Pepetela e Arnaldo Santos em torno da imagen da Kianda – divindade das águas na tradição Bantu – que nos romances *A casa velha das margens* e *O desejo de Kianda* parece instaurar uma estratégia narrativa de representação de um tempo pré-colonial. A elaboração imagética desse tempo a partir da imagem da Kianda instaura, segundo Adriano Carneiro, um esforço de resgate de uma memória que ainda resiste no imaginário

angolano – como um traço *sobrevivente*. A imagem encontra-se, portanto, exilada de seu tempo, reinventada pelo trabalho narrativo como esforço de enfrentamento das colonialidades que marcam a cultura de Angola. Assim, percebemos que o exílio pode também ser uma experiência lida a partir das ideias que transitam entre os tempos. As temporalidades que podem incidir sobre o espaço também são passivas de produzir descontinuidades entre o sujeito e sua própria terra natal, estabelecendo uma situação de exílio que não depende da separação desse sujeito com seu espaço de origem, mas que está inclusa na impossibilidade de conciliação dele com o lugar que antes lhe era familiar ou acolhedor.

A multiplicidade de sentidos que o exílio pode assumir a partir do texto literário é aspecto analisado no texto de Raphael Felipe Pereira de Araujo ao se debruçar sobre as cenas do romance *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo. O exílio é capaz de se desdobrar em experiências, relatos e memórias singulares no decorrer da narrativa que, através da relação entre imagem e texto, se pluraliza enquanto esforço de negociação da memória colonial. A análise se vale de estratégias das linguagens fotográfica e cinematográfica – elementos que exigem do leitor um olhar atento sobre as múltiplas camadas que engendram a relação da narrativa com as imagens de uma situação colonial decadente.

Essa dinâmica também é trabalhada no texto de Lucas Pessin, quando o autor se debruça sobre o romance *O hóspede de Job*, de José Cardoso Pires. A figura do camponês viajante é mobilizada por Pessin como a representação de uma situação limite, na margem da sociedade. Essa imagem é entendida como alegoria também da situação de Portugal que se encontra à margem da Europa, sendo um país ainda imerso no estado de exceção proporcionado pelo fascismo salazarista. A partir do atravessamento de uma temporalidade desencontrada, podemos pensar também o artigo de Marco Mello sobre o filme *Terra estrangeira*. Como abordado pelo autor, trata-se de um longa inserido no momento de retomada do cinema no Brasil. A leitura do longa-metragem aponta para uma persistência das questões

sociais que ainda assolam o país 26 anos após a edição do filme. As questões sociais que ainda são presentes na forma como pensamos a relação do sujeito com sua terra natal, os desvios da identidade que traduzem um desencontro entre o indivíduo e a memória coletiva, parecem instaurar um exílio na subjetividade.

O artigo de Angela Beatriz de Carvalho Faria sobre a obra literária *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, de Teolinda Gersão, realiza um mergulho na subjetividade das personagens para que também possamos observar essa experiência de exílio subjetivo. A estrutura do romance é trazida como marca de uma representação dessa experiência pela sobreposição imagética de um processo de mergulho na própria subjetividade. Através do trabalho metonímico de representação das três personagens, a análise arguta de Angela Beatriz de Carvalho Faria desvela a capacidade da ficção de elaborar um discurso sobre a memória, de traduzir uma experiência de não-lugar. Pensar a capacidade da literatura em traduzir essas experiências é tema também do texto de Karol Bernardes. A autora estabelece um interessante diálogo entre a obra de Luiz Ruffato e Djaimilia Pereira de Almeida. Ao intercalar os romances *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), Bernardes proporciona uma reflexão capaz de evidenciar os mecanismos de representação do deslocamento, hospitalidade e pertencimento que tangenciam ambas as narrativas.

Para além das questões sociais e históricas que aparecem na relação do sujeito com o espaço (como traço da experiência de exílio), também contamos com a análise bastante refinada de Paulo Ricardo Braz de Sousa sobre os aspectos de representação do sagrado enquanto deslocamento da percepção do sujeito. Esse deslocamento se faz a partir da personagem e sua posição de enfrentamento com a ferocidade animal em matéria poética – uma verdadeira releitura do *fero amor* da crítica. Através da leitura de um conto, Paulo Braz evoca, à luz do pensamento de Georges Bataille, os meandros da elaboração de um fazer poético que traduz a experiência do corpo para além da cultura. Não é só a cultura e a condição humana

que se transformam em matéria literária mobilizada para se pensar imagens em torno dos diferentes sentidos da palavra exílio.

Deslocar o ponto de vista e retirar do seu sentido canônico os traços de poder historicamente engendrados podem ser apontados no trabalho crítico realizado por Lucas Laurentino de Oliveira em sua análise do longa-metragem luso-guineense *O espinho da rosa*. A leitura do filme permite que desloquemos o olhar sobre o horror sobrenatural para percebermos a capacidade desse gênero cinematográfico em empreender códigos narrativos e imagéticos que abordem a violência colonial como marca do Estado-nação. A necessidade de se elaborar novas perspectivas sobre conceitos já estabelecidos permite a nós como leitores compreendermos a violência como aspecto inerente da modernidade, elemento que resiste apesar do fim do colonialismo e passivo de ser reinventado enquanto matéria ficcional.

A retórica pela qual a modernidade se tornou um projeto hegemônico perpetrado pelas potências ocidentais também está presente na leitura realizada por Teresa Cristina Cerdeira da Silva do romance *Partes de África*, de Helder Macedo. Como Cerdeira pretende demonstrar em sua análise, esse romance de 1991 é marcado pelo movimento de aproximação entre ficção e memória a partir do resgate testemunhal em torno do projeto “civilizatório” imposto pela Europa aos territórios colonizados. Os pontos levantados pela autora nos auxiliam a pensar a problemática inserida na imposição cultural realizada pelo império lusitano sobre o continente africano segundo o caráter testemunhal presente na obra de Helder Macedo. Teresa Cerdeira é capaz de indicar (na rasura das memórias de infância do autor) a estratégia narratológica de se eleger o oxímoro como dispositivo de ruptura com pressupostos maniqueístas e redutores da realidade colonial.

A revista também conta com uma resenha – Ler e depois – de Renata Villon sobre o romance *Vista Chinesa*, de Tatiana Salem Levy. A forma de se lidar com o luto e com o irrepresentável aparece como elemento constitutivo dessa narrativa

que pretende ensaiar um discurso sobre a memória e o trauma que perpassam a vivência da personagem em sua afinidade com seres animais.

A revista encerra-se com a tradução de um texto de Eduardo Lourenço intitulado “(In)Situation de Jorge de Sena”. O texto que aparece nessa edição da revista *Metamorfozes*, traduzido por Breno Almeida Brito Reis e Marlon Augusto Barbosa, foi publicado pela primeira vez no Volume X das Obras Completas de Eduardo Lourenço – *Jorge de Sena, Contemporâneo Capital*, organizado por Gilda Santos. Este texto inédito, traduzido pela primeira vez para o português, nos traz uma longa e completa visão de conjunto da poesia e da poética de Jorge de Sena. É um texto fundamental para estudiosos da obra de Eduardo Lourenço e de Jorge de Sena e esperamos que a partir de agora ganhe uma maior circulação.

Gabriel Chagas

Marlon Augusto Barbosa

Os organizadores